

Frances Stark combina a produção no campo das artes visuais com uma existência como escritora. No seu papel de criadora, na exposição em que você acaba de entrar, ela suscita uma relação com o público que tem todo o aspecto de estranhamento.

A produção e a apresentação de arte estiveram sempre sujeitas a avaliações, reinterpretações e redefinições que desembocam em formas de apresentação inovadoras.

Esta exposição foi fortemente inspirada num livro dedicado ao conjunto da obra plástica da artista, editado por ocasião da exposição no Van Abbemuseum, de Eindhoven [disponível na Culturgest]. Para a abordagem desta exposição no seu conjunto e das obras individualmente, são esclarecedoras não só essa publicação como também as anteriores das mãos da artista. É através dessa produção artística que ela chega a esta apresentação, caracterizada, a meu ver, por um estranhamento.

### **“O Arquitecto & A Dona de Casa”**

No seu ensaio “O Arquitecto & A Dona de Casa”, Stark descreve uma afável, porque despretensiosa, abordagem da produção artística. Ela afirma aí a definitiva adopção duma abordagem do processo de produção ligada ao lugar concreto, como Daniel Buren a introduziu. Quanto a ela própria, acha-se, como artista produtora, de regresso a casa. A sua casa é o atelier. A sua existência como artista é fortemente inspirada por esta localização, tal como pela actividade como escritora.

É possível que este ponto de vista tenha algo de feminino. Todavia, ela não proclama um qualquer radical “girl power”: “Oh, o feminismo, esse lixado anacronismo”, afirma. Considera, sim, que são sobretudo homens quem trabalha em ateliers ou em situações fortemente ligadas ao lugar concreto. A isto chama ela a posição do arquitecto. O arquitecto resolve problemas que têm a ver com a materialidade dum ambiente ou com necessidades socialmente definidas (a ler como arte empenhada).

A partir da sua casa, ela configura-se como “dona de casa”, como pessoa ocupada na gestão estruturada da sua casa e da sua prática artística. Decorar, preparar, lavar, arrumar coisas e voltar a servir-se delas, “não sendo a casa um lugar de acumulação de produção, mas um lugar de uma série de produções simultâneas que não apresentam sinais de produtividade”.

A casa, a morada da dona de casa, aborda-a ela como um interior. A morada do arquitecto é um exterior. Vendo bem, acha ela, também as actividades literárias e filosóficas são questões interiores. Ray Monk, biógrafo de Ludwig Wittgenstein, cita-o definindo a filosofia como “pôr um quarto em ordem”. Esta afirmação inspira Stark.

A filosofia ocupa-se duma análise conceptual, confere estrutura à realidade, e é isso que torna a afirmação acima – “pôr um quarto em ordem” – interessante. Stark faz disto um uso inspirado. Recorre à intertextualidade, a referência a textos, como instrumento na sua prática artística. Nela, Stark põe em ordem o seu quarto e usa a intertextualidade como pá e vassoura. Uma casa traduz o carácter duma pessoa. Quando a casa é arrumada, a pessoa que limpa avalia a sua própria produção cultural. A produção artística de Stark tem um intenso efeito autobiográfico, e é esclarecedor que ela afirme que “o pessoal é o político”. A sua intertextualidade constitui, com efeito, um forte investimento pessoal, é a sua política própria.

## **Fragmentos**

Voltando à obra. Quando pela primeira vez visitei a exposição, examinei os trabalhos, vi sobretudo muitos fragmentos de textos, elegante e esteticamente mas de certeza também poeticamente trabalhados em imagem. Duma coisa assim é preciso gostar, e eu gosto deste tipo de imagens. No entanto, não compreendi o que deveria fazer com isso: qual seria a sua motivação, porque utiliza ela fragmentos de textos desta maneira... Também o vigilante não sabia e estava à procura.

Graças aos bons serviços do curador Philip Van den Bossche, veio-me ter às mãos o catálogo. Fiquei a saber que havia inúmeras referências a romances, ao livro como objecto físico, ao soar de letras de canções em salas de estar... em suma: à recepção de textos. Isto provoca a pergunta do porquê de traduzir essa recepção em imagem. Porque introduz ela intertextualidade? Comprei o ensaio “O Arquitecto & A Dona de Casa”. Ele tornou-me nítido este ponto de vista: a política pessoal duma arrumação caseira.

A exposição tem um efeito de estranhamento. Com efeito, Stark não está empenhada num produto final, antes põe e dispõe: arruma e faz alguma desarrumação. Como observadores temos de ser capazes de usar os fragmentos como

fontes: imagem, texto, etc. Temos de sentir-nos como alguém que, num sábado de manhã, vai sentar-se à mesa na sala para pegar da estante um livro que há muito está de olhos em nós. Temos de produzir, mas por outro lado, e aqui está o estranhamento, sem nos empenharmos numa produtividade. Arrumar, só.

## **Campo de visão**

No princípio, constatei que a sua abordagem era refrescante, porque despretensiosa. Assim, permitem-se elementos autobiográficos, o que desperta a simpatia, mas há igualmente espaço para o aprofundamento. Uma pessoa pode ficar presa à imagem sem ser produtiva, mas pode também tomar em mãos um livro ilustrado, ou livros de texto suplementares.

Por fim, vi a exposição sobretudo à mesa na sala de estar: aí examinei a publicação do Van Abbemuseum e li o ensaio. Não que me tenha oferecido muito esclarecimento imediato. Mas essa é a apreciação tradicional, provinda da posição do arquitecto. A verdade é que a Stark não interessam a materialidade do ambiente ou as condições sociais dele. Com o seu método de trabalho, ela permite a si mesma e ao seu público dar um passo atrás rumo a uma medida humana: arrumar.

Boa sorte com as suas fontes, boa sorte com a arrumação.

Freek Lomme, um visitante

Freek Lomme ([www.freeklomme.com](http://www.freeklomme.com)) é curador do your-space no Van Abbemuseum, Holanda, e director da produtora Onomatopee ([www.onomatopee.net](http://www.onomatopee.net)). Trabalha ao mesmo tempo como redactor da revista de arte *De Kantlijn* e escreve para diversos fóruns. Publicou um volume de poesia na editora Voetnoot de Antuérpia.

Tradução do neerlandês: Fernando Venâncio